

TEIXEIRA, J. de F. (2017). *Kant no século XXI: A Crítica da Razão Pura, a filosofia da mente e a ciência cognitiva*. Porto Alegre: Editora Fi, ISBN: 978-85-5696-175-4.

Como resgatar a contemporaneidade da *Crítica da Razão Pura*? E como fornecer para o leitor iniciante elementos para enfrentar um texto filosófico hermético, quase impenetrável, como a primeira *Crítica* de Kant?

Essa é a proposta de João Teixeira no seu livro *Kant no século XXI: a Crítica da Razão Pura, a filosofia da mente e a ciência cognitiva*. Uma abordagem estritamente histórica da *Crítica da Razão Pura (CRP)* pode transformá-la “em uma espécie de mausoléu do pensamento moderno em torno do qual gravitam profissionais da história da filosofia e algumas associações que realizam congressos anuais para discutir suas passagens mais áridas e a interpretação de alguns termos específicos do alemão” (p. 20). Não basta ler Kant, é preciso ousar reinterpretá-lo através das lentes do século XXI.

A pretensão não é refazer os fundamentos da *CRP* usando a ciência, como tentou, recentemente, a filósofa e psicanalista Catherine Malabou. A intenção é bem mais modesta: aproximar o texto kantiano do leitor do século XXI. Por isso, o livro toma a forma de uma exposição das linhas mestras da *CRP*, referindo-as sempre a problemas filosóficos e ideias científicas contemporâneas.

O primeiro passo é a apresentação do projeto de Kant por meio de uma metáfora cognitivista. Nessa perspectiva, Kant estaria tentando descobrir como funciona o sujeito transcendental, “uma máquina virtual que recebe a informação vinda do mundo e a unifica de acordo com um conjunto de regras lógicas universais, transformando-a em conhecimento. Se fizermos uma analogia com um computador, isso significaria que ele queria desvendar o sistema operacional dessa máquina, o Windows ou o Android, que servem de organizadores básicos da informação” (p. 25).

A partir dessa ideia, o autor inicia uma exposição da *Estética Transcendental*, a primeira parte da *CRP*, que trata do espaço e do tempo. O autor mostra que elas se tornaram incompatíveis com a concepção de espaço-tempo proposta pela teoria da relatividade de Einstein. O mesmo problema ocorre com a noção kantiana de causalidade, que foi abandonada e substituída pela ideia de probabilidade na física contemporânea. As teorias kantianas do tempo, do espaço e da causalidade se baseavam

na física newtoniana e, por isso, se tornaram obsoletas à medida em que a física de Newton cedeu lugar à teoria da relatividade e à mecânica quântica.

No entanto, João Teixeira não considera que a Analítica Transcendental se tornou anacrônica, e afirma que a distinção entre fenômeno e coisa-em-si, proposta por Kant, constitui, até hoje, uma grande descoberta filosófica, uma das maiores contribuições do idealismo transcendental kantiano, pois “distinguir entre fenômeno e coisa-em-si rasga o véu da inocência com o qual podíamos enxergar o mundo” (p. 92). O autor passa, então, a examinar uma das maiores objeções a essa doutrina formulada, na época, pelo filósofo alemão Friedrich Jacobi. Jacobi argumentava não ser possível saber se a ideia de causalidade, que rege o mundo dos fenômenos, pode ser estendida para as coisas-em-si. Em outras palavras, não há como saber se existe um mundo das coisas-em-si, que causa o mundo das aparências. Se o mundo dos fenômenos não for causado pelas coisas-em-si, tudo o que percebemos poderia não passar de uma alucinação, uma posição inaceitável para Kant, que defendia a existência de um mundo exterior independente de nossas representações.

A sugestão de João Teixeira para resolver a objeção de Jacobi é considerar o mundo dos fenômenos uma percepção parcial e incompleta do mundo das coisas-em-si. Enxergamos uma fatia limitada do mundo, ou seja, nossa perspectiva habitual é limitada. A teoria das supercordas, proposta pela física contemporânea, afirma que o universo tem, provavelmente, 9 ou 11 dimensões, mas que o mundo que enxergamos é apenas tridimensional. Um mundo com mais dimensões é um *noumenon* perfeitamente concebível, embora não seja nem imaginável, nem perceptível. Essa seria a diferença entre fenômeno e coisa-em-si, uma distinção que não precisa envolver uma ideia de causalidade.

A terceira parte da *CRP*, a Dialética Transcendental, que ocupa o segundo capítulo do livro de João Teixeira, também é analisada à luz da física contemporânea. A primeira antinomia, sobre o começo do mundo no espaço e no tempo, é discutida à luz da teoria cosmológica do Big Bang. Segundo o autor, a cosmologia kantiana ainda permanece atual, pois não difere radicalmente do que os físicos propuseram nas últimas décadas. Contudo, a segunda antinomia, sobre a composição da matéria, se tornou anacrônica, pois se baseia na hipótese de que a matéria pode ser infinitamente divisível, descartada pela física contemporânea. Ao contrário do que supunha Kant, a física

mostrou que a matéria não é infinitamente divisível. O limite de divisibilidade é o comprimento de Planck, que equivale a  $10^{33}$  centímetros.

A terceira antinomia, sobre o livre-arbítrio, é discutida à luz das teorias neurocientíficas contemporâneas, especialmente dos experimentos de Benjamim Libet, realizados na década de 1980 e da neurociência da decisão de Daniel Kahneman. A quarta antinomia, sobre a existência de Deus, é longamente discutida e confrontada com os defensores do ateísmo contemporâneo e com a neuroteologia de Dean Hamer.

O último capítulo do livro, “Mente e Consciência”, aborda a filosofia da mente de Kant. João Teixeira expõe a tese kantiana da inacessibilidade cognitiva do eu, ou seja, a ideia de que o fluxo de consciência fornecido pela introspecção não ultrapassa o mundo dos fenômenos e que, por isso, somos opacos para nós mesmos. O autor mostra como essa tese é recuperada pela psicanálise de Freud e também defendida, com algumas modificações, por filósofos da mente contemporâneos como Daniel Dennett e Colin McGinn, ambos herdeiros de um kantismo não-declarado. O autor nota, também, que essa tese tem sido sistematicamente ignorada pela neurociência contemporânea, que persiste na sua ingenuidade filosófica.

Kant no século XXI é um livro vertiginoso, que aglutina uma grande quantidade de informação, não apenas sobre a *Crítica da Razão Pura*, como também sobre a ciência e a filosofia contemporânea. No entanto, ele não afoga o leitor com essa exuberância, mantendo, do início ao fim, um linguajar claro e acessível, típico de um ensaio filosófico curto, que não ultrapassa 100 páginas. É um livro recomendável para o aluno de graduação que queira se iniciar na obra de Kant e também para outros profissionais que tenham interesse ou curiosidade em conhecer a filosofia kantiana. Com a vantagem de que sua versão digital está em acesso aberto.

Suely Molina  
*Universidade Federal de São Carlos*

Resenha recebida em: 28.02.2019

Resenha aprovada em: 02.04.2019